A pesquisa como atividade acadêmica

Maria Julieta Costa Calazans *
Gaudêncio Frigotto **

1. A literatura técnica que discute o papel da universidade e dos programas de pós-graduação no processo de desenvolvimento sociopolítico, econômico e cultural enfatiza sobremaneira a necessidade de formação de recursos humanos capazes de ir além da mera transmissão de um saber técnico já conquistado, para engajar-se na produção de conhecimentos novos por meio da pesquisa científica. Esta tarefa parece ser urgente e a única capaz de gerar dentro da conjuntura histórica contemporânea, a conquista de autonomia nos campos socioeconômico, político e educacional.

O desenvolvimento científico demanda quadros de pessoal preparados adequadamente. Sabe-se porém que para formar pesquisadores, a universidade e particularmente os programas de pós-graduação devem fortalecer os seus centros de pesquisa científica e tecnológica, onde tais recursos humanos buscam essa formação.

A produção científica constitui-se num empreendimento social de muitas facetas. Alguns preferem enfatizar a atitude científica como a principal tarefa na formação dos recursos humanos de alto nível, sem contudo explicitar os diferentes graus de elaboração científica. Outros encaram a ciência primordialmente como um

* Docente-pesquisador e coordenadora-geral de pesquisa do IESAE.
** Docente-pesquisador e responsável pelo Programa de Estágio do IESAE.

modo de agir onde o método científico de intervenção no real é a característica mais relevante. Trata-se de uma produção científica comprometida com a realidade num nível mais imediato. Outras enfatizam, ainda, o produto da ciência, seus usos e suas formas de comunicação.

Na verdade nenhum desses aspectos pode ser aceito à exclusão dos demais. O mais lógico parece ser a aceitação global dessas facetas, e encarar a ciência como um empreendimento total que envolve homens pensando com uma atitude científica, utilizando procedimentos científicos, produzindo conhecimentos científicos, quer por meio da pesquisa teórica ou básica, quer da pesquisa engajada no enfrentamento dos problemas da sociedade no âmbito de diagnósticos, de programação ou na tomada de decisão nos campos econômico, social e educacional. [1]

Embora desde a implantação dos cursos de pós-graduação no país se tenha feito algum progresso na busca de integração entre ensino e pesquisa e na formação de recursos humanos adequadamente preparados para a produção e intervenção científicas, as estruturas pedagógicas das universidades e dos programas de pós-graduação parecem não ter atingido o estágio desejado de operacionalização dos vínculos entre pesquisa e ensino e, primordialmente, entre a pesquisa e sua aplicabilidade.

Como integrar ensino e pesquisa nas atividades dos docentes? Como engajar efetivamente o corpo discente na produção científica? Como dimensionar a pesquisa no contexto da estrutura pedagógica? De que forma administrar e integrar pesquisa e ensino nos programas de pós-graduação? Como chegar a uma co-participação eficaz entre pesquisadores e mestrandos? Por fim, como conseguir que a atividade científica, tão necessária, traduza políticas educacionais na prática concreta da vida profissional?

2. Sem dúvida, para os que se preocupam com a formação de quadros de pessoal que possam contribuir para essa produção científica na universidade, a tarefa do presente parece ser a de *conhe-*

[1] Cf. Gusso, O. A. *Sistema Nacional de Pesquisas Educacionais — Subsídios para formulação de política e programação.* Brasília, CNRA. 1976. (mimeogr.).

cer, identificar e *desenvolver capacidades*. Isso implica ter como primeiro objeto de conhecimento a dinâmica da própria instituição universitária. Conhecê-la para dentro e conhecê-la para fora.

a) *Conhecer para dentro,* na universidade, supõe penetrar, buscar chão firme na estrutura pedagógica, onde docentes e discentes desenvolvem suas iniciativas, revelam seu espírito inventivo; onde o produto que *dá crédito* à universidade tem seu laboratório. Conhecer, também, os meandros da estrutura da gestão, que deve assegurar o dinamismo do próprio segmento administrativo, das finanças, dos equipamentos, dos materiais, etc. Conhecer, ainda, estruturas que poderiam ser chamadas de *virtuosas* como o circuito de relação e retroalimentação que se constitui um dos recursos positivos na engrenagem das relações internas da estrutura acadêmica em si mesmo e dela com as demais.

b) *Conhecer para fora,* na instituição universitária, supõe seu funcionamento como subsistema social. Em cada nível da universidade e sobretudo nos departamentos acadêmicos há elementos cuja potencialidade somente se faz na integração com a sociedade. A autoconstrução, em cada instância institucional, tem exigências contínuas, cuja satisfação advém do meio social. Os valores da sociedade, as informações do *grande público,* a evolução dos comportamentos, a mentalidade da população, as necessidades e interesses da comunidade, o papel dos alunos e professores no corpo social — tudo isto, a universidade só pode dizer que *conhece* se estiver como um todo com a sociedade. O *saber* é a ponte que inter-relaciona as estruturas da instituição universitária com a sociedade; e é nesta convivência que se formula o quadro de referência no qual a *pesquisa* e o *ensino* devem-se assentar.

A tarefa de identificar e desenvolver capacidades se coloca num contexto de situações intimamente relacionadas com a dinâmica da instituição universitária, e supõe:

a) desenvolver-se e capacitar-se para identificar os recursos humanos e suas potencialidades;

b) desenvolver-se e capacitar-se para identificar os problemas fundamentais, os recursos, os meios e os métodos;

c) desenvolver-se e capacitar-se para saber atribuir prioridade às necessidades; formular alternativas para utilizar a ciência e a tecnologia, propondo soluções que as inovações suscitam.

3. Descendo ao plano da realidade, tentar-se-á aplicar as colocações anteriores à estratégia de formação para a participação em atividades científicas na pós-graduação em educação do IESAE. Procurar-se-á desenvolver uma ação interdisciplinar disseminada em pesquisas docentes, nas quais o corpo discente tenha assegurada sua participação através dos chamados *estágios de aplicação.*

O programa de estágio do IESAE tem como principal objetivo uma interação sistemática entre os membros dos corpos docente e discente da instituição, em atividades fora da sala de aula, levando todos os seus membros a compartilhar do processo intelectual do aprendizado: pesquisa e produção.

Como atividade permanente, o programa de estágio coloca professores e alunos trabalhando lado a lado em problemas levantados, isolada ou separadamente, mas sempre abordados em conjunto, buscando criar condições para reduzir a distância professor/aluno, motivar a proposição de novas linhas de preocupação teórica e prática e fortalecer o trabalho de equipe.

O programa de estágio, dentro desta perspectiva, pretende criar um clima de cooperação e co-participação na produção científica do IESAE, buscando como produto principal a qualificação de recursos humanos capazes de levar aos meios universitários uma estratégia de operacionalização da função de ensino e pesquisa na universidade.

Pretende-se, deste modo, no IESAE, uma forma de fortalecer o vínculo do mestrado com a produção científica, experimentando-se esta modalidade — usualmente denominada estágio — que mereceu ampla receptividade de docentes e discentes. Receptividade não apenas do ponto de vista formal, mas técnico-operativo.

Implantado o programa, são visíveis os resultados em relação à co-participação nos projetos, visão interdisciplinar e sobretudo o surgimento de uma atitude favorável à pesquisa.

Cabe, porém, colocar algumas questões que nos levam mais a fundo no tocante à preocupação com a preparação de pessoal para a produção científica:

a) que independência é assegurada na atividade do mestrando para que ele desenvolva a sua capacidade criativa?

b) até que ponto o estágio de aplicação não se constitui em mais uma maneira de manter o mestrando estagiário (aluno) dependente do pesquisador (professor)?

c) como tornar independente o mestrando para seu próprio projeto científico quando a proposta na qual ele se engaja é uma pesquisa de *propriedade* do pesquisador?

Estas questões são para nós problemas ainda em estudo. Pode-se até dizer que não chegam a ser importantes a ponto de colocar dúvidas, invalidar ou mesmo interromper o programa de estágio. É, sem dúvida, uma problemática a ser pesquisada.

4. A experiência com o estágio de aplicação nos leva a dar um passo além, entendido como o caminho mais adequado à introdução do mestrando no *fazer científico*. Trata-se da concepção de pesquisa discente — individual ou em equipe. Nada de novo, porém inovador para os que buscam na pós-graduação exclusivamente os cursos em sala de aula, para cumprir os créditos ou a absorção de uma idéia brilhante de um mestre que o ilumine para o trabalho de dissertação.

Pretende-se que o candidato à pós-graduação traga na sua valise de entrada um projeto individual que discipline seu trabalho científico, e em torno do qual programe o conjunto de suas atividades acadêmicas.

Há que se considerar, é verdade, a defasagem entre as exigências de uma proposta individual desta natureza e as condições e potencialidades da clientela dos cursos de pós-graduação em educação no país.

Neste contexto, o estágio talvez seja uma solução intermediária para aqueles (possivelmente a grande maioria) que chegam ao

mestrado sem *querer,* por não saber o que e nem como pesquisar. O estágio seria, desse modo, uma solução preliminar, uma meta inculcadora, uma etapa de iniciação na perspectiva de uma busca para a preparação de um trabalho científico.

É importante assinalar que esta análise, partindo da própria realidade do programa em curso, pretende atingir caminhos mais pertinentes. Talvez o ponto de partida seja, não somente o *fazer acadêmico* na pós-graduação, mas a análise do *para fora,* na realidade, sedimentada no *fazer científico.*

Caberia, portanto:

a) identificar os diferentes tipos de necessidades, problemas e conflitos nos vários setores do sistema, nos diferentes grupos da realidade onde se origina a clientela do mestrado;

b) procurar criar um processo de articulação entre as necessidades, sistemas de valores, etc., das instituições e as deficiências apresentadas pelos mestrandos para a produção científica;

c) estabelecer um mecanismo de construção e armazenamento de idéias originais, experimentos e sugestões inovadoras apresentadas pelos mestrandos e, paralelamente, um processo de identificação da origem destes com o meio de onde provém a clientela.

A proposta a ser desenvolvida deverá ter, conseqüentemente, sua sedimentação não apenas no mestrando que vem ao programa, mas na realidade onde seu trabalho científico poderá vir a ser instrumento de inovação.

Isto posto, vale dizer que para a eficácia dessas atividades que se iniciam não bastaria reunir, discutir, elaborar relatórios, provocar sugestões que avolumem a bagagem pedagógica. São imprescindíveis a deflagração e o desencadeamento do processo de pesquisa dentro de marcos referenciais significativos para a própria pós-graduação, e primordialmente para uma resposta aos problemas da realidade. Processo de pesquisa que se constitua aprimoramento crescente nos vários campos científicos, sendo ao mesmo tempo estimulador da ação interdisciplinar e, mais que tudo, o definidor de linhas de trabalho.

É necessário estar convencido de que não se pode deixar de lado o *fazer científico* na pós-graduação; que o projeto individual é possível desde que se estabeleçam com clareza e autenticidade os patamares, as instâncias e os níveis de competência. Estes fatores são definidos não a partir de idealização mas calcados nas próprias condições e potencialidades da clientela.

Neste sentido vale considerar a perspectiva apontada a seguir por Henri Desroche:

"Há pesquisadores profissionais. São pagos para dedicar seu tempo integralmente à pesquisa. Se vocês se sentem com gosto e capacidade para tanto, o melhor é, evidentemente, chegar a uma situação desse gênero. Já dissemos isto antes.

"Mas há lugar também para pesquisadores — principalmente, talvez, nas ciências sociais — que, mesmo sendo não-profissionais, podem cooperar com pesquisadores profissionais. Seriam amadores, dirão vocês! Talvez. E por que não seriam amadores, exatamente no sentido em que o esporte distingue os amadores dos profissionais? E mais ainda: Marx e Proudhon nunca se tornaram professores universitários e, no entanto, quantos professores universitários comentam sua obra! Seriam eles amadores?

"Podemo-nos perguntar se, ao contrário, um programa de pesquisas em ciências sociais não postulará cada vez mais a colaboração tanto de pesquisadores profissionais como de pesquisadores não-profissionais. O essencial é que eles falem uma linguagem comum: uma linguagem de pesquisadores, aberta à linguagem das instituições ou dos movimentos sociais e, inversamente, uma linguagem de instituições ou de movimentos aberta à linguagem da pesquisa. O ajuste entre as duas vertentes não é fácil, concordo. Trata-se mesmo, talvez, de uma corrida contra o relógio: apostando-se em quem falará melhor e mais depressa a linguagem do outro e quem será, portanto, o primeiro a se tornar bilíngüe. Há uma competição inscrita no fato de que doravante vida ativa e vida universitária podem cada vez menos fazer seu jogo uma independente da outra. Geralmente as pessoas se satisfazem nessa competição postulando uma reconsideração unicamente da vida universitária.

Eu gostaria antes de postular, de modo complementar, uma reconsideração dos ritmos e dos conteúdos da vida ativa para marcá-los, ou para marcar sobre essa vida, segundo uma marca específica, uma participação — ainda que não-profissional — nessa dimensão orgânica da vida universitária que é, doravante, a pesquisa." [2]

5. Os fragmentos colhidos nesta textura são parte de um conjunto maior cuja dinâmica suscita novas definições. Afinal, não é apenas estágio de aplicação e pesquisa discente que carecem de maior objetividade, de diretrizes mais explícitas.

Tudo indica que estas atividades, à medida que se ampliam, conduzem e mobilizam para novas definições o contexto mais amplo, ou seja a estrutura acadêmica do IESAE como um todo. Portanto, tentar abrir caminho e perspectivas flexíveis para atividades de estágio de aplicação e pesquisa discente, sem contemplar o projeto pedagógico no seu todo, parece ser uma estratégia fragmentada. A relevância do problema assenta-se, portanto, na busca de caminhos que harmonizem as várias atividades acadêmicas dentro de perspectivas que se intercomplementem. Essa é uma questão que o IESAE tem como primordial. Este parece ser um dos desafios para pós-graduação em Educação.

[2] Desroche, H. *Aprentissage en sciences sociales et éducation permanent.* Paris, Éditions Ouvrières, 1971. p. 158-9.